

# Estudo sobre o modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau

## *A Study on the Model of Translator Training of the St. Joseph's José Seminary of Macao*

**MINFEN ZHANG**

Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai (Shanghai International Studies University)

sofia@geosofia.com

<https://orcid.org/0000-0002-0210-0465>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 08/09/2020

**Resumo.** O Seminário de S. José de Macau, fundado pelos jesuítas em Macau em 1728, constituiu o principal centro de formação daqueles missionários que exerciam o seu mister no Extremo Oriente, nomeadamente na China. Como instituição de ensino superior, especializada na preparação de sacerdotes, o Seminário tinha como objetivo formar talentos bilingues proficientes na cultura sino-portuguesa. O seu bem organizado modelo de ensino permitiu a formação de um grande número de tradutores bilingues sino-portugueses, além de bastantes sinólogos macaenses.

O presente texto pretende analisar o bem-sucedido modelo de formação de tradutores do Seminário no século XIX, nomeadamente a sua organização das disciplinas diversificadas, os modelos de ensino e de aprendizagem, bem como o sistema de avaliação. Será importante sintetizar as suas realizações no que diz respeito à preparação e formação dos talentos de tradução, como fonte de inspiração para o nosso atual ensino de tradução.

**Palavras-chave.** Modelo de formação, tradutor, Seminário de S. José, Macau.

**Abstract.** The St. Joseph's José Seminary of Macao, founded in 1728 by the Jesuits in Macao, consisted of the main training center of the missionaries in the Far East, especially in China. As an institution of higher education specializing in the preparation of priests, the Seminary aimed to train bilingual talents proficient in Sino-Portuguese culture. Its well-organized teaching model enabled the formation of a great number of bilingual Sino-Portuguese translators, as well as many Macanese sinologists.

This paper aims to analyze the successful translator training model of the Seminary in the 19th Century, especially its organization of diverse subjects, its teaching and learning models, as well as its evaluation system. It is also important to summarize the institution's accomplishments regarding the preparation and formation of translation talents, as a source of inspiration of our teaching practice in translation today.

**Keywords.** Training model, translator, St. Joseph's José Seminary, Macao.

Em meados do século XVI, a religião cristã chegou à China pela terceira vez<sup>1</sup>. As atividades missionárias tiveram um impacto muito vasto e profundo na sociedade chinesa, nomeadamente na educação que constituía uma das atividades jesuítas. Com a chegada destes, o modelo de formação dos tradutores ocidentais também foi introduzido no Oriente. Os sacerdotes jesuítas, depois de chegarem a Macau, estabeleceram as primeiras instituições de ensino superior, o que constituiu não apenas o início da entrada do ensino ocidental na China, mas também a origem da educação estrangeira em Macau. “Remontando à origem do ensino superior na China, constata-se que o modelo das universidades atuais foi transplantado do Ocidente” (MEI 1941:1)<sup>2</sup>.

A primeira universidade ocidental fundada pelos missionários na China foi o Colégio Universitário de S. Paulo, tendo o Seminário de S. José sido a segunda. Ambas as instituições foram alvo de estudos<sup>3</sup>, mas os que versam o Seminário de S. José são muito escassos. Destes, são de referir *O Seminário de S. José de Macau (Resenha histórica)* do P. Teixeira, que apresenta detalhadamente a história do Seminário e a *Diocese de Macau durante os Anos de 1967 a 1997* (LAM, 2000), texto compilado pelo P. D. Domingos Lam, que traça, também, uma breve história do mesmo. Contudo, a temática em apreço não mereceu, ainda, um estudo aprofundado. O modelo de formação de tradutores formados por este estabelecimento mereceu apenas algumas páginas em estudos mais gerais ou meros artigos muito limitados. Refiram-se o *Desenvolvimento no Período de Gerência dos Lazaristas do Seminário de S. José de Macau (1784-1856)* (YE 2005), que trata do panorama geral do Seminário sob a direção dos Lazaristas, o *Estudo sobre o Seminário de S. José de Macau* (XIA 2002) e a *Base de Formação dos Missionários Chineses da Dinastia Qing* (XIA 2005), que versam a história,

---

<sup>1</sup> O Cristianismo entrou pela primeira vez na China, através do nestorianismo, seita cristã originária da Ásia Menor, condenada pelos concílios de Éfeso (431) e de Calcedónia (451), que defendia a independência das naturezas divina e humana de Cristo. Cf. “Nestorians” in *Encyclopaedia Britannica*, <http://www.britannica.com/topic/Nestorians> (consultado em 5 de julho de 2020). Chegado à China, durante a dinastia Tang, em 635, o nestorianismo entrou em decadência cerca de 150 anos depois. A segunda entrada do Cristianismo ocorreu em meados do século XIII, durante a dinastia Yuan, quando os monarcas europeus e o Vaticano enviaram franciscanos e dominicanos para a China com o objetivo de pregarem a religião cristã.

<sup>2</sup> Tradução nossa.

<sup>3</sup> Os principais estudos sobre o Colégio de S. Paulo são: LI, Xiangyu (2006). *Han Xue Jia de Yaolan: Aomen Shengbaoluo Xueyuan (O Berço dos Sinólogos – Um Estudo do Colégio de S. Paulo de Macau)*. Beijing: Zhonghua Shuju; QI, Yiping (2013). *Aomen Shengbaoluo Xueyuan Yanjiu (A Study on Saint Paul's College in Macao)*. Beijing: Social Sciences Academic Press (China) & Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau; SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, S.J. (1994). *Macau – Primeira Universidade Ocidental do Extremo-Oriente*. Macau: Fundação Macau & Universidade de Macau; LIU, Bingxian (1994). *Aomen Shengbaoluo Xueyuan Lishi Jiazhi Chutan (Abordagem sobre o Valor Histórico do Colégio de S. Paulo de Macau)*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

o ensino e os contributos do Seminário, entre outros.

Desde a chegada dos primeiros portugueses em Macau e na China no século XVI, a interpretação e tradução assumiam sempre um papel relevante pois a comunicação entre chineses e portugueses dependia muito de intérpretes-tradutores. Durante a administração portuguesa em Macau, usava-se apenas o português como a língua oficial na área administrativa e judicial, fazendo com que os tradutores fossem importantes e indispensáveis quer no âmbito das relações sino-portuguesas quer no âmbito da formação de quadros para a China. Porém, a tradução de Macau não está muito estudada por falta de estudiosos que conhecem bem tanto chinês como português (LI 2016:7). Em relação aos estudos sobre a tradução de Macau, salienta-se o contributo do autor de *Jindai Aomen Shigao (História Moderna de Tradução de Macau)* (LI 2016), que, do ponto de vista linguístico e de tradução, fez um estudo exaustivo sobre as atividades de tradução de Macau nos tempos modernos, com base nos documentos de chinês e português, realçando a posição importante de Macau na história de tradução. O mesmo autor, com a coordenação com o professor Luís Filipe Barreto, publicou ainda mais uma obra sobre a história de tradução de Macau<sup>4</sup>. A doutora Maria Manuela Paiva, por seu lado, na perspetiva de mediação linguística, social e cultural, apresenta-nos como os mediadores, isto é, intérpretes-tradutores, atuavam em Macau onde coexistiam duas culturas diferentes. Com o seu trabalho *Traduzir em Macau. Ler o Outro: para uma História da Mediação Linguística e Cultural*<sup>5</sup>, mostra-se uma história da mediação linguística e cultural no âmbito de interpretação e tradução de Macau de 1557 a 1915. No que respeita ao papel revelante de intérpretes-tradutores em Macau, merece referir o trabalho de Gomes Paiva, *Encontro e Desencontro da Coexistência. O Papel do Intérprete-Tradutor na Sociedade de Macau*<sup>6</sup>, e o de Cecília Jorge, *Intérpretes-Tradutores a Ponte da Coexistência*<sup>7</sup>.

Dos estudos acima referidos, são poucos que referem o Seminário de S. José que se dedicava à formação de talentos bilingues que serviram a mediação linguística e cultural durante mais de dois séculos. O presente texto pretende analisar o bem-sucedido modelo de ensino do Seminário de S. José, focando-se

<sup>4</sup> Cf. LI, Changsen e BARRETO, Luís Filipe (2013). *Para a História da Tradução em Macau*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau & Instituto Politécnico de Macau.

<sup>5</sup> Cf. PAIVA, Maria Manuela Gomes (2008). *Traduzir em Macau. Ler o Outro: Para uma História da Mediação Linguística e Cultural*, Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses Especialidade de Estudos de Tradução. Lisboa: Universidade Aberta.

<sup>6</sup> Cf. PAIVA, Maria Manuela Gomes (2004). *Encontro e desencontro da coexistência. O papel do intérprete-tradutor na sociedade de Macau*. Macau: Livro do Oriente.

<sup>7</sup> Cf. JORGE, Cecília (1992). “Intérpretes-Tradutores a Ponte da Coexistência”. *Macau*, II série n. 7. Macau: Gabinete de Comunicação Social de Macau, 46-58.

nos aspetos educacionais, organização do ensino, da aprendizagem e sistema de avaliação, bem como a sua gestão. Consideramos ser importante analisar este sucesso no que diz respeito à preparação e formação de bons tradutores, como fonte de inspiração para o nosso atual ensino de tradução.

## 1. Seminário de S. José: da fundação ao encerramento

O Seminário de S. José foi fundado, em Macau, pela Companhia de Jesus, destinando-se a formar os missionários ao serviço do império português no Extremo Oriente, em geral, e na China, em particular. De acordo com o P. Benjamin, a sua fundação oficial ocorreu no dia 23 de fevereiro de 1728. “Hoje 23 de Fevr.º de 1728 se passarão de S. Paulo os Pes. da Vice-Provincia (da China) p.<sup>a</sup> esta nova caza de S. Jozé p.r ordem do R.do P.e V. Provincial João de Saá, Luiz de Sequeira, Procurador da V. Provincia” (PIRES 1960: 663). Segundo o mesmo padre, a casa do Seminário foi doada por Jorge Miguel Cordeiro, que tinha construído a sua residência junto do Convento de S. Agostinho em 1622 e a deixou em testamento aos jesuítas.

O primeiro reitor do Seminário foi o P. Manuel Pinto, que, no ano de 1730, pedia ao Senado para anexar à residência o Mato Mofino (TEIXEIRA 1976: 2).

Em 1762, os jesuítas foram expulsos de Macau segundo as ordens do Marquês de Pombal, fazendo com que o Seminário ficasse sem professores, suspendendo-se deste modo as suas atividades de ensino até à chegada dos lazaristas<sup>8</sup>, mais de 20 anos depois.

Em 1784, face à falta de missionários para a Cristandade e Missão da China, a soberana D. Maria Primeira mandou o Bispo de Pequim, o P. Alexandre de Gouvea<sup>9</sup>, reorganizar o Seminário em benefício da Cristandade do Real Padroado (Boletim E. D. 1903: 83). Quando o bispo chegou a Goa, constatou que os lazaristas ministravam uma instrução boa e convidou o P. Manuel Correia Valente e o P. João Agostinho do Seminário do Chorão para irem a Macau reorganizar o Seminário de S. José. O bispo, além de mandar recuperar e reequipar o Seminário, elaborou o regulamento. Em setembro de 1784, o Seminário de S. José mudou o nome para Seminário Régio e Episcopal de Pequim, segundo a ordem régia, mas continuou sob a direção dos lazaris-

---

<sup>8</sup> A Congregação da Missão, Lazaristas ou Padres Vicentinos, é uma sociedade católica fundada em Paris em 1625 por São Vicente de Paulo (1581-1660) que teve aprovação pontifícia em 1634 através da bula *Salvatoris Nostris* do Papa Urbano VIII. Os membros são conhecidos como lazaristas porque a primeira casa da Congregação em Paris chamava-se Casa de São Lázaro.

<sup>9</sup> O P. Alexandre de Gouvea foi nomeado bispo de Pequim em 1782 e foi sagrado em Lisboa em 1783.

tas. Em outubro, o Seminário foi reaberto, recebendo apenas 8 alunos, mas alcançou os 26 em 1815, incluindo alunos da China, de Malaia e de Macau (LJUNGSTEDT 1997: 150). Em 1800, o Governo de Portugal ordenou que o Seminário deixasse de estar sob a jurisdição do bispo de Pequim e passasse a denominar-se Casa de Pequim da Congregação da Missão (TEIXEIRA 1976: 6) e a ter, unicamente, professores portugueses da Europa.

Com a boa gerência dos lazaristas, o Seminário conseguiu recuperar o bom ensino tendo alunos não apenas jovens de Macau, mas também estrangeiros. Para o P. Nicolau Borja, o Seminário era então “o único lugar de educação nesta cidade” (TEIXEIRA 1940: 677) e segundo o P. Manuel Teixeira, os alunos “recebiam no Colégio de S. José uma sólida educação e instrução, que lhes dava ingresso nas universidades” (TEIXEIRA 1976: 7). Com os bons professores europeus o ensino do Seminário recuperou a anterior qualidade, “visto que há um grupo de professores reputados que dão aulas aqui, o Seminário conseguiu de novo uma prosperidade sem precedente, formando bastantes missionários e tradutores conhecidos” (YE 2005: 88)<sup>10</sup>.

No entanto, com o movimento liberal de 1822, os lazaristas apoiaram o constitucionalismo que foi sufocado em 1823, pelo que ficaram ou presos, ou fugiram para outros países, como fez o superior do Colégio de S. José que ficou a ser dirigido pelo bispo de Macau, o P. Nicolau Borja. Com os seus esforços e com o regresso dos padres e a chegada de novos sacerdotes de Portugal, o Colégio recuperou algumas atividades de ensino. Porém, mais tarde, entrou em decadência, devido à saída de alguns professores, por motivos distintos. Apenas o P. Leite manteve o ensino de latim até ao seu falecimento em 1854, terminando, deste modo, toda a atividade de ensino do Real Colégio de S. José (TEIXEIRA 1976: 7-9).

Em 1856, o rei D. Pedro V promulgou uma carta de lei cujo objetivo era reorganizar os seminários ultramarinos. Cumprindo a determinação do rei, o Diocesano de Macau D. Jeronymo José da Matta nomeou como reitor interino do Seminário o P. Manuel de Gouvea e incumbiu-o de elaborar um projeto para a reorganização daquele estabelecimento.

Em janeiro de 1857 o Seminário reabriu, tendo os alunos não só professores portugueses, mas também os sacerdotes chineses que ensinavam a língua chinesa. Contudo, o Seminário não conseguiu recuperar o antigo esplendor devido à falta de suficientes professores competentes. “Perante tanta miséria, o Governo consentiu que os jesuítas viessem para Macau” (TEIXEIRA 1976: 18), tendo o Seminário voltado a ter professores jesuítas em 1862 quando

---

<sup>10</sup> Tradução nossa.

chegaram “dois professores muito ansiosamente esperados”<sup>11</sup>. O Seminário entrou num período de esperança, “desde então para cá tudo tem corrido optimamente, antevendo-se para este estabelecimento um futuro esperançoso” (TEIXEIRA 1976: 19).

Em junho de 1862, o Seminário começou a ter aulas de mais de dez cadeiras regidas pelos professores jesuítas vindos da Europa e admitia tanto pensionistas como alunos externos. “Os annos subsequentes 64, 65, 66 etc. correram todos muito prosperos para o Seminario de S. José. Era cada vez maior a affluencia dos alumnos no Seminario e este colhiam d’anno mais abundantes loiros...” (Boletim E. D. 1904: 32). No início da abertura em 1862, os alunos não chegavam a 200, mas em 1870, o número duplicou, atingindo 377 alunos matriculados (TEIXEIRA 1976: 21). Deste modo, o Seminário recuperou a prosperidade antiga, “os paes de familia corriam pressurosos ao Seminário para aí entregarem os seus filhos” (Boletim E. D. 1903: 153).

Porém, em 1870, o Governo de Lisboa mandou alterar os Estatutos do Seminário, excluindo da atividade de ensino os professores estrangeiros, o que implicou o encerramento do mesmo, dado a maior parte dos professores serem estrangeiros. Quer o então presidente do Leal Senado, quer o povo de Macau subscreveram um abaixo-assinado, pedindo a Lisboa para que fossem conservados os professores jesuítas, “que são os únicos em Macau que são verdadeiramente úteis, e sem os quais a instrucção ficará abandonada...” (TEIXEIRA 1976: 24). Contudo a petição não foi aceite, e os professores jesuítas foram obrigados a deixar o Seminário, tendo os cursos administrados pelos jesuítas terminado em junho de 1871.

Em agosto do mesmo ano chegaram a Macau o novo governador do Bispado, P. Carvalho, e os novos professores que iam substituir os jesuítas. Muito embora o Seminário tenha reaberto os cursos em 1872, o ensino nesta instituição, secularizada, encontrava-se muito degradado devido ao afastamento dos professores jesuítas eruditos.

Apesar do zelo e empenho do P. Carvalho, os moradores de Macau não estavam satisfeitos nem com o ensino, nem com a retirada dos professores que “tão hábil e dignamente cumpriam as obrigações dos seus cargos” (TEIXEIRA 1976: 31). Em 1875, o novo governador do Bispado, P. Manuel de Gouvea, nomeou o P. António Joaquim de Medeiros reitor do Seminário, o qual convidou cinco sacerdotes para lecionarem no Seminário, o que permitiu a esta instituição recuperar a sua antiga prosperidade. “Muitos jovens macaenses internaram-se no Colégio, outros matricularam-se como externos” (TEIXEIRA 1976: 32-33),

---

<sup>11</sup> Eram o P. Francisco Xavier Rôndina e o P. José Joaquim d’Afonseca Matos.

tendo havido, também, alunos estrangeiros a frequentar os cursos.

Em 1879, com a saída dos padres para a missão de Timor, o Seminário entrou novamente em decadência, mas em 1890 voltou, novamente, a estar sob a orientação dos jesuítas, tendo o P. Alves da Silva referido que

os estudos, e toda a economia do Seminário começaram a ter uma nova orientação; estes padres pelo ascendente moral, virtude e amor ao estudo (...), donde resultou um novo estado de cousas, fazia antever um futuro muito semelhante ao dos primitivos tempos deste estabelecimento (Boletim E. D. 1908: 252-253).

Em outubro de 1910 o Seminário sofreu, novamente, um rude golpe, quando o Governo da República mandou expulsar os professores jesuítas, não obstante os protestos dos cidadãos de Macau. Daí até 1930, o Seminário foi dirigido por padres seculares que “procuraram aguentar o seminário o melhor que puderam, não se tendo notado a baixa nível que ocorreu de 1871 a 1890” (Boletim E. D. 1908: 40).

De 1930 a 1939, os padres jesuítas dirigiram novamente o ensino do Seminário. Mais tarde, dada a falta de missionários jesuítas, o Seminário passou a pertencer à Diocese de Macau, sendo administrado pelos padres diocesanos. O Seminário manteve um ensino contínuo e regular, tendo alunos oriundos de Macau, Hongkong, China continental, Timor e Portugal, que usufruíam novas estruturas.

Em 1968 o externato fechou, restando no Seminário apenas alguns seminaristas. Em 1975, este estabelecimento, que durou dois séculos e meio, foi encerrado após a saída dos últimos seminaristas. No entanto, o seu valor e contributo na formação de intelectuais que “se tornaram ilustres em todos os ramos da actividade humana” (Boletim E. D. 1908: 54) permanecerá, quer na história, quer no coração dos habitantes de Macau.

## **2. Formação dos tradutores**

Durante o período de dois séculos e meio, o Seminário, não obstante as vicissitudes experimentadas, formou gerações e gerações de jovens que se distinguiram tanto em Macau como noutros lugares do mundo, de entre os quais se salientam os ilustres tradutores que serviram de ponte entre a China e o mundo ocidental.

## 2.1. Objetivo claro da formação

Os jesuítas sempre prestaram importância à educação. A missão acadêmica constituía uma das duas principais estratégias de pregação cristã, motivo pela qual, criaram tantas escolas.

Ao chegar a Macau, os jesuítas iniciaram a construção de escolas, primeiro o Colégio Universitário de S. Paulo e a seguir, o Seminário de S. José, cujo objetivo era formar missionários católicos ao serviço da missão da Cristandade no interior da China. Segundo D. Manuel de Gouvea, que governou o bispado de Macau durante alguns anos, “Julgou-se indispensável na Cidade de Macau, um novo estabelecimento que unica e simplesmente tivesse a seu cargo as Christandades já havidas na China...” (Boletim E. D. 1904: 82). Falando do objetivo da fundação do Seminário, o P. Joseph Dehergne, explicou que “a 13 de fevereiro de 1728, construiu-se em Macau para os jesuítas da vice-província da China” (DEHERGNE 1995: Vol. II, p. 826). O mesmo padre disse ainda que o padre francês Joseph Labbe esteve em Macau de 1728 a 1731, sendo o fundador do Seminário de S. José, que se estabeleceu especificamente para a vice-província da China (DEHERGNE 1995: Vol. I, p. 341). O P. Teixeira afirmou, também, que o objetivo do Seminário era formar os missionários na China (TEIXEIRA 1987: 42). Em 1791, Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar (1716-1795), salientou, ao então bispo de Macau, a importância do Seminário no sentido de formar sacerdotes para a China:

Sendo pois a Cidade de Macáo não só a q´. nos abre a entrada para a China, mas a Escola, e o viveiro, donde háo de sair os sujeitos q´. se devem empregar naquele Imperio, bem vê VE. q´. tudo o q´. poder contribuir para o aumento e prosperidade daquele Estabelecimento, he igualme. Util, e ventajoso aos interesses da Religião; ... remeto a VE. incluza huã copia para sua Instrucção, e para q´. debaixo dos mesmos princípios promova tudo o q´. puder contribuir para maior ventagem daquele importantíssimo Estabelecim. to, como S. M. espera das luzes, e do zelo da VEx.a. ( Cx. 19, doc. 10)<sup>12</sup>.

Por outro lado, os primeiros jesuítas que chegaram a Macau, depois de sofrerem numerosas dificuldades, nomeadamente de comunicação, ficaram cientes de que, para cumprir as missões de conversão, era preciso e urgente formar tradutores bilingues para dissipar obstáculos na comunicação. Segun-

<sup>12</sup> Os documentos das Caixas 15 e 19 do Arquivo Histórico Ultramarino estão manuscritos. A transcrição deles no texto do artigo mantém o manuscrito original.



do o secretário, aqueles obstáculos “so se póde remediar com gente educada no Seminário de Macáo” (Cx. 19, doc. 10), salientando a importância de aprendizagem de chinês, afirmando que, “além das Sciencias Eclesiásticas, aprendáo a Lingoa do Paiz, sem a qual todos os mais conhecimentos são de pouca ou nenhum utilidade para aquelas Missoens” (Cx. 19, doc. 10).

## 2.2. Administração e gerência rigorosa

O Seminário contava com um sistema completo de administração quer dos docentes, quer dos discentes. Segundo os Estatutos do Real Seminário de S. Joze de Macao<sup>13</sup> conservados no Arquivo Histórico Ultramarino, aquele era dirigido por um reitor e estava sujeito à inspeção do Bispo conforme os Estatutos: “o Seminario ficará debaixo da inspecção do Exmo. Bispo de Macáo; ao qual pertencerá vigiar se cumprem, ou nao, com suas obrigaçoens os seos individuos; e tomar contas ao Reitor do mesmo no fim de cada um anno lectivo” (Cx. 15, doc. 20). De modo geral, tanto o reitor como os professores eram nomeados por rei ou rainha de Portugal. Os Estatutos definiam, ainda, que competia ao Bispo de Macau nomear pessoal que eventualmente faltasse no quadro do Seminário, caso o rei de Portugal não tivesse feito a nomeação a tempo. Os Estatutos indicavam, também, que o reitor devia ser uma pessoa capaz no “governo e administração” e muito atenta a todos, “vigiando continuamente a conducta de todos os individ(u)os do dito Seminario” (Cx. 15, doc. 20). Além do já referido o reitor era, ainda, responsável pelo controle da formação e do desenvolvimento físico e moral dos alunos, bem como das suas “inclinaçoens” (Cx. 15, doc. 20).

O Seminário impunha um regulamento bem rigoroso aos docentes. Os professores deviam observar e cumprir os Estatutos, obedecer ao reitor “com tudo o que for relativo ás suas respectivas obrigaçoens”, não podendo faltar às aulas sem a licença do superior. Deviam servir de exemplo aos alunos, que também não podiam ausentar-se das aulas, “inspirem-lhes sentimentos de brio e honra para que por este meio possáo melhor desempenhar as suas obrigaçoens” (Cx. 15, doc. 20).

Os seminaristas estavam sujeitos a regras severas: o vestuário permitido eram as “Vestes Talares” conforme o estabelecido pelos Sagrados Cânones para os ministros evangélicos e até o corte de cabelo era determinado pelos Cânones. Deviam obediência total ao reitor que lhes exigia “devoção a Santissima Eucaristia” e uma “particular devoção a Santíssima Virgem, rogando-lhe o seo

---

<sup>13</sup> Cf. Cx. 15, doc. 20, Arquivo Histórico Ultramarino.

patrocínio, e amparo, e rezando-lhe todos os dias o seo terço” (Cx. 15, doc. 20).

Durante o tempo letivo os seminaristas não podiam sair do Seminário, exceto para as missões eclesíásticas ou visita aos parentes, o “que se deverá fazer raras vezes, somente em dias feriados” (Cx. 15, doc. 20). Mesmo nesse caso, deviam ter autorização do reitor, sendo proibido aos seminaristas passar a noite fora, mesmo nas férias. Era-lhes vedado entrar no “cubículo” de outros sem a licença expressa do reitor, embora pudessem ir ao do seu professor, com a porta aberta, e falando em voz baixa e não podiam passear pelos dormitórios no tempo de estudo ou de descanso se não fosse necessário, de modo a não incomodar os outros que estivessem a estudar.

O Seminário não permitia que os seminaristas tivessem comida no seu cubículo. Mesmo quando oferecida, deviam recusá-la com cortesia, ou entregá-la ao Seminário. De modo idêntico, não podiam guardar dinheiro e o que porventura tivessem, devia ser entregue ao reitor que o guardaria no cofre do Seminário, identificado com o nome do dono e o devolveria quando aquele deixasse do Seminário. A vigilância estendia-se também à correspondência enviada aos seminaristas bem como à que pretendiam enviar. Em qualquer dos casos era sempre lida pelo reitor “o qual vigiará cuidadosamente neste ponto de consequencias” (Cx. 15, doc. 20) antes de chegar ao destinatário.

Em suma, os seminaristas tinham de respeitar e cumprir integralmente os Estatutos pois o próprio reitor vigiava “com todo o cuidado” a sua observância e, para que os não esquecessem, fazia-os lê-los, de vez em quando, castigando, “com severidade os seminaristas que os tinham transgredido deles” (Cx. 15, doc. 20).

### **2.3. Modelo de ensino bem organizado**

Os jesuítas fundaram o Seminário de S. José imitando o modelo do ensino das universidades europeias, e, ao mesmo tempo, tomaram em consideração as suas necessidades e a realidade chinesa. Elaborou um plano detalhado para a formação de tradutores.

Embora o Seminário de S. José não fosse tão grande como o Colégio de São Paulo, o papel de formação linguística e tradução era muito maior do que o deste, nomeadamente no que respeita à criação da metodologia sistemática de ensino de chinês, tendo formado bastantes tradutores (LI 2016: 59)<sup>14</sup>.

Tal como referido, o Seminário regia-se por Estatutos muito detalhados,

---

<sup>14</sup> Tradução nossa.

que abarcavam administração, regras a serem seguidas, disciplinas, metodologia de ensino e avaliação, garantindo um bom funcionamento e, por consequência uma boa qualidade de ensino. O Seminário adotou o sistema de ensino ocidental, introduzindo os conceitos de fim de semana, semestre escolar e ano letivo, bem como definindo dias de estudo, tempo de provas, feriados e férias, assim como o programa de cada período do ano letivo.

Em comparação com o Colégio de São Paulo, o Seminário de S. José teve um plano de ensino mais sistemático, que definia de forma clara e pormenorizada conteúdos a estudar, tempo de estudo, métodos de ensino, modo de avaliação, etc. Como todos os alunos seriam mandados para a missão na China, realçou-se a importância de chinês, tal como exigia o secretário de Estado da Marinha e do Ultramar (1716-1795) Martinho de Melo e Castro,

...náo posso deixar de lhe lembrar, q' . neste artigo náo ha coisa alguma mais digna da continua applicação de VE., e q' . mereça mais o seo cuidado, do q' . a creação de sujeitos capazes de desempenhar as obrigações de verdadeiros Ministros Evangelicos; porq' . a falta q' . tem as Igrejas da China de operários, e de Pastores dignos deste nome, só se pôde remediar com gente educada no Seminario de Macao, em q' . entrem nacionaes, chinas, em q' . os Europeos, além das Sciencias Eclesiásticas, aprendáo a Lingoa do Paiz, sem a qual todos os mais conhecimentos são de pouca ou nenhuma utilidade para aquelas Missoens (Cx. 19, doc. 10).

No primeiro artigo dos Estatutos dispôs-se que o Seminário contava com docente de chinês: “Constará o Seminario de hum Reitor; de hum Professor de Lingoa Portugueza, Latina, de hum Professor da Lingoa Chinezza, de hum Professor de Filozofia, de dois Professores de Teologia, de um Professor de Mathematica...” (Cx. 15, doc. 20). Definiu-se o modelo de ensino e aprendizagem da línguas, nomeadamente o chinês. Em primeiro lugar, elaborou-se um regulamento dos estudos, no qual, afirmava-se que “o professor da gramatica vigiará com todo o cuidado no adiantamento dos seus Discipulos” (Cx. 15, doc. 20), realçando que se precedia “o estudo da lingoa materna ao da lingoa latina” (Cx. 15, doc. 20). Os Estatutos exigiam que os professores fizessem todos os esforços para os alunos dominarem as línguas, nomeadamente ensinando-os a ter as competências de tradução, ao mesmo tempo, salientou-se ainda a importância de escrita correta e a capacidade oral. Devido à diligência dos professores, os alunos conseguiram êxitos, “louvores mil cabem a seus professores, que tanto se cansam, afadigam e esmeram para aperfeiçoar os mancebos entregues a seus desvelos e cuidados” (Boletim E. D. 1904: 33-34).

Os Estatutos acentuavam o ensino de chinês e de tradução sino-portuguesa. Antes de estudar o chinês, o professor devia apresentar as características gerais da língua chinesa, dando “humã idea geral dos principios em que esta se funda” (Cx. 15, doc. 20). Devia ensinar os alunos a reconhecer os caracteres. Tendo em conta a urgência de formação de tradutores sino-portugueses, era importante começar logo a ensinar a tradução de chinês para português. Como os jesuítas tinham tido vários métodos eficazes e experiência na aprendizagem do chinês, o Seminário adotou as técnicas de aprendizagem dos seus colegas de Pequim. “Para este efeito se servirá das artes, e dicionarios que os nossos Portugueses existentes em Pekim trabalharão com admiração dos mesmos Chinas” (Cx. 15, doc. 20). Em cada período de exame, a competência de tradução era sempre uma matéria obrigatória a testar.

Para ser um tradutor qualificado, os conhecimentos linguísticos são indispensáveis, mas este é apenas um dos elementos essenciais no trabalho de tradução. Um tradutor qualificado deve, também, possuir conhecimentos diversificados porque a tradução pode incidir sobre contextos muito distintos. Muito consciente desta questão, além das línguas o Seminário oferecia disciplinas variadas como filosofia, teologia, retórica, chinês, latim, inglês, francês, matemática, física, redação e música, etc.

Por exemplo, no Ano Letivo de 1904 a 1905 lecionavam-se no Seminário de S. José as seguintes disciplinas:

DISCIPLINAS QUE NO PRESENTE ANNO LECTIVO DE 1904 A 1905, SE LECCIONAM NO SEMINARIO DE S. JOSÉ, HORA E LOCAL DAS AULAS		
Disciplinas	Horas	Local
Instru. prim. element.	9 às 11, e 2½ às 4½	Aula n.º 4-6
Instru. prim. compl.	9 às 11, e 2½ às 4½	“ 5
Portuguez 1.º anno	9 às 10	“ 15-16
Portuguez 2.º anno	9 às 10	“ 7-9-11
Latim 1.º “	8 às 9	“ 15-16
Latim 2.º “	8 às 9	“ 7-9-11
Latim 3.º “	10 às 11	“ 15-16
Latim 4.º “	10 às 11	“ 7-9-11
Inglez 1.º “	3½ às 4½	“ 8-10-12
Inglez 2.º “	8 às 9	“ 8-10-12
Inglez 3.º “	10 às 11½	“ 7-9-11
Francez 1.º “	2½ às 3½	“ 8-10-12
Francez 2.º “	2½ às 3½	“ 7-9-11
Historia e Geographia	3½ às 4½	“ 15-16
Physica	3½ às 4½	“ 13-14
Mathematica	9 às 10	“ 8-10-12
China Elementar 1.º an.	8 às 9 e 3 às 4	“ 3
China Elementar 2.º an.	9 às 10 e 2 às 3	“ 3
China Comple. 1.º e 2.º an.	3 às 4½	“ 1
China Superior 1.º anno	2 às 3	“ 1
China Especial 1.º anno	8 às 9	“ 1
Aula anglo-sinica	10 às 11½	“ 8-10-12
Academia Sinica	□	□
Theologia Dogmatica	3½ às 4½	Biblioteca
Thologia Moral	10 às 11	“
Musica instru. e Piano	1 às 2	Aula n.º 8-10-12
Musica voc. e Harmonia	1 às 2	“ 8-10-12

Secretaria do Seminário de S. José, 1.º de agosto de 1904.  
(Boletim E. D. Macau, julho de 1904, p. 29)

Como se pode constatar do exemplo acima, as línguas eram proeminentes na carga horária do plano de ensino do Seminário, sendo a língua chinesa a mais privilegiada.

## 2.4. Educação moral aos alunos

Além do ensino linguístico e científico, o Seminário procurava transmitir aos alunos a consciência das obrigações para com a pátria e até para com a humanidade, “expondo com exactidão as obrigações que o homem deve a Deus, asi mesmo, e aos outros homens” (Cx. 15, doc. 20). A consciência de obrigação e o sentido de missão que se pretendia que constituíssem a motivação de aprendizagem dos alunos.

Os Estatutos definiam os elevados critérios de seleção dos seminaristas, que eram nomeados pelo Bispo de Macau a conselho do reitor. Quer a virtude moral, quer os talentos académicos eram importantes: “deverão ser mossos de boa indole, de talento, e que dem esperanças de progressos para o futuro, e que nao tenham algum dos impedimentos Canonicos ou Civiz que servem de obstaculo ao Ministerio Sagrado” (Cx. 15, doc. 20).

Tendo em consideração a importância dos chineses e de eventuais mudanças sociais na China, Macau ou Portugal, os criadores dos Estatutos aperceberam-se que os tradutores não podiam ser apenas portugueses, devendo também existir outros de nacionalidade chinesa desde que fossem qualificados. Assim, os Estatutos dispunham que o Seminário devia admitir jovens chineses que “dem esperanças de aproveitamento” (Cx. 15, doc. 20), e, satisfizessem as condições previstas nos Estatutos.

O Seminário prestou atenção à formação moral dos seminaristas. Dado que um futuro sacerdote iria servir no interior da China, necessitavam de “consciências puras”, devendo confessar-se uma vez por mês conforme a ordem do reitor, a quem obedeciam em absoluto. Deviam conservar “huma devoção cordeal à Santissima Eucharistia” (Cx. 15, doc. 20), ouvir a Santa Missa todos os dias, bem como rogar do Céu as luzes e todas as graças necessárias ao desempenho dos seus deveres. Os seminaristas deviam conhecer muito bem as suas obrigações quer para com a Cristandade quer para com a pátria, motivo pelo qual necessitavam de ler os bons livros recomendados pelo reitor, nomeadamente a *Bíblia*. Para além disso, tinham todos os dias uma lição do *Novo Testamento*.

O Seminário também deu atenção à formação de bons hábitos de estudo. Nos dias de aulas os alunos tinham de levantar-se muito cedo, às cinco horas da manhã. Tinham todo o dia muito preenchido, com um horário bem organizado que incluía oração, leitura, estudo e atividade recreativa tais como canto, “que ao mesmo tempo lhes sirva de divertimento, e de instrucção necessaria a todo o Ecclesiastico” (Cx. 15, doc. 20). Mesmo aos domingos, dias festivos e feriados havia um horário organizado que incluía missa, orações, estudo e atividade recreativa.

## 2.5. Revisão e avaliação

Tal como Confúcio diz, “(...) pode-se adquirir novos conhecimentos revendo os antigos (...)”<sup>15</sup>. O Seminário salientou a importância da revisão dos conhecimentos ensinados: “em todos os sábados que não forem feriados haverá sabatina sobre as materias que se tiveram tratado naquella semana” (Cx. 15, doc. 20). Mesmo nas férias, os alunos tinham de rever as lições, porque “no tempo das férias, o reitor regulará de tal sorte o estudo particular, que os estu(dan)tes senáo esqueção do que aprenderáo” (Cx. 15, doc. 20).

O Seminário deu importância à avaliação dos alunos, criando um sistema de exames semanal e anual, provas públicas, etc. Os alunos realizavam provas todos os sábados para verificar se dominavam as matérias ensinadas durante a semana. Em agosto de cada ano, sujeitavam-se às provas finais do ano letivo: “No mês de Agosto veráo todos os seminaristas examinados dos estudos q. tivessem feito naquelle anno” (Cx. 15, doc. 20). Paralelamente, realizavam-se exames públicos a todas as disciplinas, que atraíam sempre muita assistência. Por exemplo, numa prova pública do adiantamento literário,

havia numeroso concurso de espectadores, que sahiram satisfeitíssimos vendo o desenvolvimento dos discípulos do Seminario. Os que têm assistido com prazer a todos os actos públicos d’este Seminario de tão reconhecida utilidade para a mocidade de Macau... (Boletim E. D. 1904: 33-34).

Esses exames constituíam-se como atividades solenes quer para o Seminário, quer para a sociedade em geral, a que assistiram inclusive as autoridades eminentes, além dos numerosos residentes de Macau.

O Seminário definiu, com detalhe, o processo dos exames, incluindo o júri, a forma e o conteúdo a examinar em cada disciplina. Por exemplo, no Ano Letivo de 1870, para a Aula de Língua Mandarina, as matérias de exame foram: “grammatica e analyse, dialogos familiares em lingua mandarina, traducção de Sheng-in-quamhsiun<sup>16</sup>, ou os sanctos decretos; traducção do tracto de paz e do regulamento do Commercio, celebrados entre a Inglaterra e a China” (Boletim E. D. 1904: 37). Neste sentido, pode-se constatar que a tradução era uma competência obrigatória, devendo os discentes não só conhecer bem a

<sup>15</sup> Cf. Confúcio, *Analecto*, cap. II. Períodos da Primavera e Outono e dos Reinos Combatentes. Tradução nossa.

<sup>16</sup> *Sheng Yu Guang Xun (Amplificação do Santo Decreto)*, do imperador Yongzheng (1678-1735), da dinastia Qing, publicado em 1724, foi um clássico de instrução ética, cívica e política, constituindo uma matéria obrigatória dos exames imperiais na época.

situação política como também o tratado celebrado entre a Inglaterra e a China. Por outro lado, os livros clássicos chineses, tais como *Sheng-in-quamhsion* (*Amplificação do Santo Decreto*), eram igualmente uma matéria obrigatória nos exames imperiais da dinastia Qing. Segundo o mesmo boletim, nessa prova de língua chinesa, os prémios e louvores foram “todos distribuídos a jovens Macaístas, que se preparam para o vantajoso mister de interpretes” (Boletim E. D. 1904: 37).

Segundo o registo no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, os alunos foram bem-sucedidos nos exames, apresentando uma pronúncia muito boa e um desembaraço admirável. “Todos os alumnos cumpriram, a contento geral, a parte que lhes estava designada, em todos os trabalhos apresentados ao público” (Boletim E. D. 1904: 33). O êxito dos alunos foi muito comentado na imprensa oficial, “os mais rasgados elogios á direcção do Seminário, dizendo claramente este órgão official do Governo da colonia, que o Seminário de S. José promettia ser outra vez tão importante como já fora...” (Boletim E. D. 1904: 226).

Terminados os exames, era habitual realizar-se a festa de distribuição de prémios, que começava ao meio dia e terminava às duas da tarde. Os melhores classificados nos exames recebiam medalhas de ouro ou prata, livros e imagens, acompanhados de um diploma de louvor. Os restantes recebiam apenas um certificado em que se designava o grau alcançado.

## 2.6. Professores ilustres

Desde a fundação do Seminário, chegaram sucessivamente professores da Europa. Eles eram não apenas especialistas nas áreas da teologia, filosofia, retórica, matemática, música e línguas, como também eram muito dedicados ao ensino, o que lhes permitiu formar talentos com profundos conhecimentos académicos, “estes professores jesuítas levantaram tão alto a instrução em Macau que o amor pelo estudo e pela boa leitura se tornou vulgar entre os macaenses...” (TEIXEIRA 1976: 21).

O Marechal Gomes da Costa, ao recordar o seu tempo de estudante no Seminário, não deixou de elogiar os professores que tinham despertado “a curiosidade à rapaziada”. “As recordações que tenho do Seminário, são excelentes: os professores, quási todas padres, eram bons para nós e os recreios alegres numa vasta cerca com grande árvores” (TEIXEIRA 1976: 21).

Na verdade, a maior parte dos intérpretes e tradutores em Macau, no século XIX, tinha estudado no Seminário. “O Seminário conseguiu formar tradutores de alta qualidade, tem também muito a ver com o facto de contar



com sinólogos de elevado nível, entre os quais, se destacava o excelente sinólogo do século XIX, o P. Joaquim Afonso Gonçalves” (LI 2014: 10)<sup>17</sup>. Na opinião do seu aluno Callery J. M., “Gonçalves possui um zelo natural de aprender chinês...fala fluentemente o mandarim, com os tons corretos... daí por diante, o chinês tornou-se a sua área de investigação” (Chinese Repository, 1864: 173)<sup>18</sup>.

Como professor do Seminário, que se destinava a formar talentos bilingues, o P. Gonçalves dedicou todo o entusiasmo ao estudo e ensino da língua e cultura chinesas: “(...) é notada com algum assombro a relativa facilidade, em poucos anos, com que Joaquim Afonso Gonçalves aprendeu a língua chinesa, falada e escrita, com grande profundidade a ponto de nela ter redigido diversas obras” (ARESTA 2000: 680). Compilou vários livros didáticos para o ensino da tradução, combinando a sua prática de ensino e, ao mesmo tempo, considerando as dificuldades dos alunos ocidentais na aprendizagem de uma língua diferente, por exemplo a *Arte China* (1828), que “é a melhor obra redigida por Gonçalves” (Callery J. M., in the *Chinese Repository*, 1864: 173)<sup>19</sup>. Este livro foi muito apreciado no meio académico, “em termos do sistema e do conteúdo, a sua análise e organização dos caracteres são melhores do que os primeiros sinólogos como Matteo Ricci e Nicolas Trigault” (LIU 1994: 40)<sup>20</sup>, e *Constante de Alphabeto e Grammatica, Compreendendo Modelos das Diferentes Composições* (1829), fazendo com que Gonçalves ocupasse “uma posição relevante” (ARESTA 2000: 681) na área da didática e da pedagogia da tradução. Compilou também dicionários bilingues que são indispensáveis para os tradutores, tais como *Diccionario Portuguez-China no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral* (1831); *Diccionario China-Portuguez no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral* (1833); *Vocabularium Latino-Sinicum, Pronuntiatone Mandarina Litteris Latinis Expressa* (1837), etc. (ARESTA 2000: 681).

Além de ser um especialista do chinês e da cultura chinesa, Gonçalves tinha uma mente aberta em relação à cultura chinesa, tal como comentava António Aresta: “será interessante reflectir no facto de um homem formado numa matriz civilizacional latina e cristã se abrir compreensivamente a uma mundividência civilizacional outra... sem complexos eurocêntricos e etnocêntricos” (ARESTA 2000: 680).

Tendo em conta a sua erudição em chinês, o respeito pela cultura sínica e a sua dedicação ao ensino, durante mais de duas dezenas de anos ele conse-

---

<sup>17</sup> Tradução nossa.

<sup>18</sup> Tradução nossa.

<sup>19</sup> Tradução nossa.

<sup>20</sup> Tradução nossa.

guiu formar um grupo de talentos bilingues notáveis, por exemplo, o referido Callery J. M.; o primeiro sinólogo macaense José Martinho Marques, o grande sinólogo e tradutor Pedro Nolasco da Silva, etc.

## 2.7. Intervenção ativa do Governo

Como a única instituição de ensino superior no Extremo-Oriente de Portugal após o encerramento do Colégio de São Paulo, o Seminário teve uma missão importante na formação dos talentos bilingues que serviam de intercâmbio entre a China e Portugal. O seu sucesso teve a ver com a intervenção ativa e a atenção prestada pelo Governo, quer de Portugal, quer de Macau. A rainha de Portugal valorizou a organização do quadro do pessoal do Seminário, pois tanto o reitor como os docentes “deverão ser nomeados por sua Mag.” (Cx. 15, doc. 20). O próprio bispo de Macau participava pessoalmente na administração: “O Seminário ficará debaixo da inspecção do Exmo. Bispo de Macão; ao qual pertencerá vigiar-se cumprem ou nao com suas obrigaçoens os seus individuos, e tomar contas ao Reitor do mesmo no fim de cada hum anno lectivo” (Cx. 15, doc. 20). Para os docentes e seminaristas poderem observar os Estatutos, o bispado “proverá aos mesmos de tudo quanto for necessario para a sua sustentação e vestidos” (Cx. 15, doc. 20), além de responsabilizar-se pelo sustento e reparação do Seminário.

As autoridades visitaram esta instituição para conhecer e examinar as suas atividades de ensino, “Sua Ex.cia o Snr. Governador, que poucos dias depois de chegar da embaixada de Pekim, veio visitar este estabelecimento, examinando-o por miudo...” (Boletim E. D. 1904: 154). Além de verificar o funcionamento do Seminário, o governador também conversava com docentes e discentes, encorajando-os a trabalhar com empenho. Nas palavras de D. Gouvea, ao reviverem “este padrão de antiga gloria portuguesa no Oriente – o Seminario de S. José... estamos confiados em que receberemos de V. Ex.cia e do Governo de Sua Magestade o apoio devido” (Boletim E. D. 1904: 154).

As autoridades oficiais prestavam ainda atenção às atividade de avaliação dos discentes, que foram assistir o desempenho nos exames dos alunos. “Em dezembro d’este mesmo anno houve exames solemnes e públicos, com a assistência do governador e mais autoridades da cidade...” (Boletim 1904: 24). A distribuição de prémios também constituía uma atividade solene e grandiosa, em que participaram não apenas os cidadãos, como também as autoridades oficiais e cavalheiros reputados, tendo o próprio governador de Macau como o presidente. “A este acto solemne presidiu Sua Excia. o Governador e estiveram presentes todas as autoridades do paiz e um im-

portante numero de cavalheiros” (Boletim E. D. 1904: 35). A cerimónia de distribuição de prémio foi grandiosa e aparatosa, “sempre feita com grande solenidade, concurso e aplauso das primeiras autoridades e principaes moradores de Macau” (Boletim E. D. 1904: 36). A cerimónia começou por um belo coro, acompanhada de orquestra. Em seguida, foi a distribuição de prémios, “sendo aclamado os alumnos que mereceram distincções e louvores, recebendo a recompensa de suas fátigas das mãos de Sua Excia. o Governador” (Boletim E. D. 1904: 35). Toda a gente ficava alegre ao ver os desempenhos maravilhosos e admiráveis dos alunos premiados, incluindo o governador e as primeiras autoridades:

Folgamos extraordinariamente com o desenvolvimento do Seminario Diocesano; fazemos leaes votos pelo seu progresso, e damos aos mestres e aos alumnos mui verdadeiros parabens...felicitando pelo seu aperfeiçoamento, e pela boa vontade e dedicação que apresentam no estudo... (Boletim E. D1904: 228).

### 3. Alunos ilustres formados

O Seminário formou não apenas tradutores que contribuíram para os intercâmbios sino-portugueses, como também sinólogos que apresentaram a cultura chinesa ao mundo ocidental: “...apesar de (o Seminário de S. José) não ser uma instituição de formação de tradutores, é curioso que, nos finais do século XVIII e nos inícios do século XIX, a maioria dos talentos de tradução de Macau se graduassem aqui” (LI 2016: 60)<sup>21</sup>. “O Rev.do P.e Joaquim Affonso Gonsalves, celebre sinologo, cujas obras ainda hoje são consultadas com todo o interesse por quantos se têm applicado ao estudo da lingua e literatura sinica” (Boletim 1904: 123). Assim, um dos importantes contributos históricos do Seminário é ter formado “bastantes talentos bilingues de que precisa urgentemente a sociedade de Macau, nomeadamente no século XIX, surgiram vários sinólogos notáveis” (LIU 1994: 37-38)<sup>22</sup>.

O célebre tradutor macaense José Martinho Marques (1810-1867), conhecido como o primeiro sinólogo macaense, estudou no Seminário e foi aluno do professor Gonçalves. Dominou tanto o cantonês como o mandarim, possuindo conhecimentos sólidos da língua chinesa. Trabalhou como intérprete-tradutor no Governo de Macau, fez trabalho de tradução para a legação de vários países na China e foi condecorado com uma medalha de

<sup>21</sup> Tradução nossa.

<sup>22</sup> Tradução nossa.

honra pela Legação francesa na China, devido aos seus trabalhos notáveis. Além de servir como intérprete-tradutor, compilou, mediante a tradução para o chinês de livros ocidentais, uma grande obra intitulada *Tratado de Geografia*, que apresenta de forma exaustiva os conhecimentos geográficos do mundo, ampliando a visão dos chineses e atualizando os seus conhecimentos da geografia do mundo. “Dominou tão bem o chinês que nem se verificou nenhum traço de tradução nesta obra” (LIU 1994: 45)<sup>23</sup>. Além disso, compilou ainda os *Princípios Elementares da Música* e um *Dicionário China-Portuguez* (FORJAZ 1996: 577).

Uma outra figura que merece destaque é Pedro Nolasco da Silva, que ocupou, sem dúvida, um lugar de relevo na história da tradução em Macau (LI 2016: 60), pois foi um ilustre intérprete-tradutor, sinólogo, professor, escritor, funcionário público, jornalista e dirigente de várias associações de Macau. Desempenhou muitos cargos importantes, entre os quais, presidente do Leal Senado, sócio-fundador e presidente da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, fundador e diretor da Escola Comercial Pedro Nolasco, chefe do Expediente Sínico, entre outros.

Pedro Nolasco da Silva recebeu uma formação excelente em línguas no Seminário, tendo profundos conhecimentos de cantonês e mandarim. Conseguiu entrar na Procuradoria dos Negócios Sínicos do Governo como estagiário-intérprete, da qual, mais tarde, veio a ser chefe. Foi escolhido para ser o primeiro presidente do Expediente Sínico. Devido à sua excelente carreira como intérprete-tradutor, foi nomeado em 1887 Secretário Intérprete do Ministro Plenipotenciário em Pequim, para auxiliar o representante português Tomás de Sousa Rosa nas negociações do Tratado Sino-Português de 1887. Além do trabalho de intérprete-tradutor, dedicou-se também ao ensino, lecionando chinês, gramática e tradução no Seminário de S. José, no Instituto Comercial e no Liceu de Macau. Traduziu e compilou bastantes livros didáticos. Foi editor de vários jornais, tais como o *Echo do Povo* de Hongkong, o *Macaense* e o *Echo Macaense*.

## Considerações finais

Não obstante as dificuldades sentidas devido à mudança da situação política, o Seminário, motivado pela necessidade de missionários e intérpretes-tradutores para trabalharem no interior da China, conseguiu formar um grupo de

---

<sup>23</sup> Tradução nossa.

profissionais de tradução bilingues que exerceram um papel importante nas atividades diplomáticas em Macau e na China, no século XIX. Muitos graduados bilingues tornaram-se dirigentes, tradutores e professores do Expediente Sínico ou das escolas de tradução (WEI 1991: 88).

O Seminário possuía Estatutos pormenorizados, que permitiram o bom funcionamento e um ensino de boa qualidade. Por outro lado, contratou docentes de elevado nível moral e académico, conferiu importância ao estudo das línguas, assim como de outras áreas e valorizou a formação moral, fazendo com que os alunos tivessem um forte espírito de obrigação e missão. Tais características fazem deste estabelecimento, ainda hoje, um exemplo para as nossas instituições de ensino.

O seu modelo de formação promoveu o aparecimento de um grupo de ilustres tradutores e sinólogos que se dedicavam ao trabalho de tradução e de investigação linguística e cultural. Ao mesmo tempo, “o aparecimento de numerosos tradutores fez surgir um ambiente e tendência de dar importância à tradução” (LI 2014: 17)<sup>24</sup>.

Outro dos contributos do Seminário consiste na criação de materiais didáticos de tradução de qualidade, por exemplo, a *Gramática Chinesa ensinada por meio de exemplos* compilada por Pedro Nolasco da Silva, *Sang Yu Kuang Hsun*, ou *Amplificação do Santo Decreto*, traduzido por Pedro Nolasco da Silva, os quais foram utilizados nos cursos de intérprete-tradutor da Escola de Línguas Sínicas de Macau. Os dicionários bilingues compilados pelo P. Gonçalves e os seus alunos também deram enormes contributos para a formação e o trabalho de tradução.

Em suma, o Seminário representa uma época de esplendor em termos de formação de especialistas em tradução bilingue, cujo modelo pedagógico de tradução ainda merece o nosso estudo e consideração.

## **Bibliografia**

### **Fontes manuscritas**

Cx. 15, doc. 20, Arquivo Histórico Ultramarino.

Cx. 19, doc. 10, Arquivo Histórico Ultramarino.

---

<sup>24</sup> Tradução nossa.

## Fontes impressas

- Boletim E. D. Macau, Julho de 1903.  
Boletim E. D. Macau, Julho de 1904.  
Boletim E. D. Macau, Março de 1908.  
Callery J. M. (1864). *The Chinese Repository*, vol. 15, No. 2.

## Estudos

- ARESTA, António (2000). “Joaquim Afonso Gonçalves, professor e sinólogo”. *Administração*, no. 48. Macau: SAFP.
- DEHERGNE, Joseph, S. J. (1995). Geng Sheng (tra.). *R Épertoire des Jésuites de Chine de 1552-1800*, Vol. I e II. Beijing: Zhonghua Shuju, 1995.
- FORJAZ, Jorge (1996). *Famílias Macaenses*, Vol. III. Macau: Fundação Oriente & Instituto Cultural de Macau.
- LAM, Domingos Lam Ka-tseung (2000). *Diocese de Macau durante os Anos de 1967 a 1997*. Macau: Paço Episcopal.
- LI, Changsen (2014). *Yuyan yu Fanyi Gaodeng Xuexiao Bainian Cangshang (Vicissitudes de Cem Anos da Escola Superior de Língua e Tradução)*. Macau: Editora do Instituto Politécnico de Macau.
- LI, Changsen (2016). *Jindai Aomen Fanyi Shigao (História Moderna de Tradução de Macau)*. Beijing: Social Sciences Academic Press (China) & Instituto Cultural de Macau.
- LIU, Xianbing (1994). *Shuangyu Jingying yu Wenhua Jiaoliu (Talentos Bilingues e Intercâmbio Cultural)*. Macau: Fundação Macau.
- LJUNGSTEDT, Anders (1997). *História de Macau dos Primeiros Períodos*. Beijing: Editora de Oriente.
- MEI, Yiqi (1941). “Daxue Yijie”, in *Jornal de Qinghua*, 1941,1. Beijing: Universidade de Qinghua.
- PIRES, Benjamin Videira (1960). “Documentação sobre os inícios do Seminário de S. José”. *Religião e Pátria*, Ano 46, no. 42.
- TEIXEIRA, Manuel (1940). *Macau e a Sua Diocese*, III. Macau: Tip. Do Orfanato Salesiano.
- TEIXEIRA, Manuel (1976). *O Seminário de S. José de Macau (Resenha histórica)*. Macau, s.n.
- TEIXEIRA, Manuel (1987). “The Church in Macau”, in R. D. Cremer (ed.), *Macau: Origins and History*. Hongkong: UEA Press Ltd.
- WEI, Louis Tsing-sing (1991). *La politique missionnaire de la France en Chine, 1842-1856*. Huang Qinghua (tra.). Beijing: Social Sciences Academic Press (China).
- XIA, Quan (2002). “Estudo sobre o Seminário de S. José de Macau”, in *Estudo de Macau*, No. 14, Macau: Fundação de Macau.
- XIA, Quan (2005). “Base de Formação de Missionários da China na Dinastia Qing”. *Revista*

*de Cultura*, No. 54. Macau: Instituto Cultural de Macau.

YE, Nong (2005). “Estudo sobre o Desenvolvimento do Seminário de S. José durante a Administração dos Lazaristas (1784-1856). *Academic Research*, 12. GaungZhou: Ciências Sociais da Província de Guangdong.

### **Referências online**

Encyclopaedia Britannica. <http://www.britannica.com/topic/Nestorians> (consultado em 5 de julho de 2020).

